

A POLÍTICA DE REGIONALIZAÇÃO TURÍSTICA DO VALE DO CAFÉ (RJ) E SEUS DESDOBRAMENTOS NOS MUNICÍPIOS: UMA ABORDAGEM DAS RELAÇÕES DO PODER PÚBLICO COM OS *STAKEHOLDERS*

*Diogo da Silva Cardoso*¹

*Natan Teixeira Cavalcanti*²

Resumo

O presente texto visa apontar os caminhos institucionais e as políticas de territorialização que consolidaram uma vasta região histórica do interior fluminense como a região turística “Vale do Café”. Um dos argumentos a ser desenvolvidos no texto refere-se à forma como a atividade turística na região ganhou tal complexidade e repercussão à ponto de induzir/seduzir distintas esferas de governo a formular, cada um à sua maneira, políticas públicas para o setor. Para assinalar geograficamente as influências e impactos do turismo na região, partiremos de uma construção teórico-conceitual na qual identificamos três dinâmicas, vistas com mais propriedade na esfera municipal, que respondem por boa parte do processo turístico regional, exaltando as interdependências entre as instituições públicas e privadas na região e seus efeitos territoriais concretos. Essas dinâmicas são: 1- nos municípios cuja economia gira em torno de atividades convencionais, o turismo apareceu como um atividade secundária, praticamente ausente de política pública local, servindo tão somente para complementar a renda de agentes isolados; 2- os municípios que viram no turismo uma forma de diversificar a imagem do município, gerando novos pequenos investimentos e capacitação dos já existentes, e atender demandas pontuais dos agentes que, com suas atrações, são os carros-chefes do turismo municipal; 3- e na outra vertente, temos os municípios que veem no turismo uma forma de alavancar a economia local, requalificar a identidade territorial e os processos culturais endógenos e buscar diferentes mecanismos e apoios para novos investimentos, capacitação do trade e, por fim, e num plano holístico, fomentar uma cultura turística local. É sobre esses últimos municípios que incide a maior parte da pressão para que o Vale do Café desponte, de uma vez por todas, como destino alternativo no Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Estado do Rio de Janeiro, Vale do Café, política de turismo, municípios turísticos, patrimônio cultural.

Abstract

The present text aims to pointing out the institutional paths and territorialization policies that have consolidated a vast historical region of Rio de Janeiro's inner part as the tourist region

¹ Geógrafo, etnógrafo e gestor cultural. Pós-Doutor em Geografia pela UFRJ (PNPD/Capes), sob a supervisão do Prof. Dr. Scott William Hoefle. Atualmente, estou na segunda fase do pós-doutoramento (2017-2019), ampliando a análise dos processos culturais, patrimoniais e turísticos na área originária da Fazenda Nacional de Santa Cruz (FNSC). Agradeço a Capes pela concessão da bolsa. E-mail: diogo_georeg@yahoo.com.br

² Turismólogo (UFRRJ) e graduando em Geografia (UFRJ). Bolsista de iniciação científica (Pibic/CNPq), professor de Hotelaria do Senac-RJ, tutor do Cederj e consultor *ad hoc* em projetos de turismo. E-mail: natan.turismo@gmail.com

Vale do Café (Coffee Valley). One of the arguments to be developed in the text refers to the way in which tourism activity in the region has gained such complexity and repercussion to the point of inducing / seducing different federal entities to formulate, each in its own way, public policies for the sector. In order to geographically point out the influences and impacts of tourism in the region, we will start from a theoretical-conceptual construction in which we identify three dynamics, seen with more ownership in the municipal sphere, that account for much of the regional touristic process, exalting interdependencies between public institutions and private territories in the region and their concrete territorial effects. These dynamics are: 1- tourism in municipalities whose economy revolves around conventional activities, tourism appeared as a secondary activity, practically absent in local public policy, only to complement income of isolated agents; 2 - the communities that noticed tourism as a way of diversifying the image of the municipality, generating new small investments and training of existing ones handicrafts, and to meet specific demands of the agents who, with their attractions, are the driving force of municipal tourism; 3- and on the other side, we have municipalities in tourism as a way to leverage the local economy, requalify the territorial identity and the endogenous cultural processes and seek different mechanisms and supports to new investments, enable the trade and finally, holistically, foster a local tourism culture. It is on these last municipalities that most of the pressure is placed on the Coffee Valley to once again emerge as an alternative destination in the State of Rio de Janeiro.

Keywords: State of Rio de Janeiro, Coffee Valley, tourism policy, tourist towns, cultural heritage.

Introdução

A fim de compreender o conceito de região voltado para a atividade turística, pode-se adotar a perspectiva do Ministério do Turismo (2004, p. 65), para o qual a região turística pode ser definida como “o espaço geográfico que apresenta características e potencialidades similares e complementares, capazes de serem articuladas e que definem um território, delimitado para fins de planejamento e gestão”. O MTur caracteriza a região turística como resultado de uma integração entre um ou mais municípios, estados ou países. A partir do mapa político-administrativo (imagem 1) e do mapa turístico do Estado do Rio de Janeiro (imagem 2), pode-se perceber os diferentes critérios utilizados pelo Estado para a delimitação de regiões. No primeiro mapa, o Rio de Janeiro é dividido em oito regiões de governo, basicamente para fins de planejamento e gestão político-administrativo. Já o segundo mapa, é o turismo que norteia a regionalização e suas respectivas denominações lúdicas. Ao todo, o Estado possui doze regiões turísticas estratégicas:

Imagem 1 – Mapa político-administrativo do Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Fundação CEPERJ.

Imagem 2 – Regiões turísticas do Rio de Janeiro e sua malha rodoviária



Fonte: TurisRio.

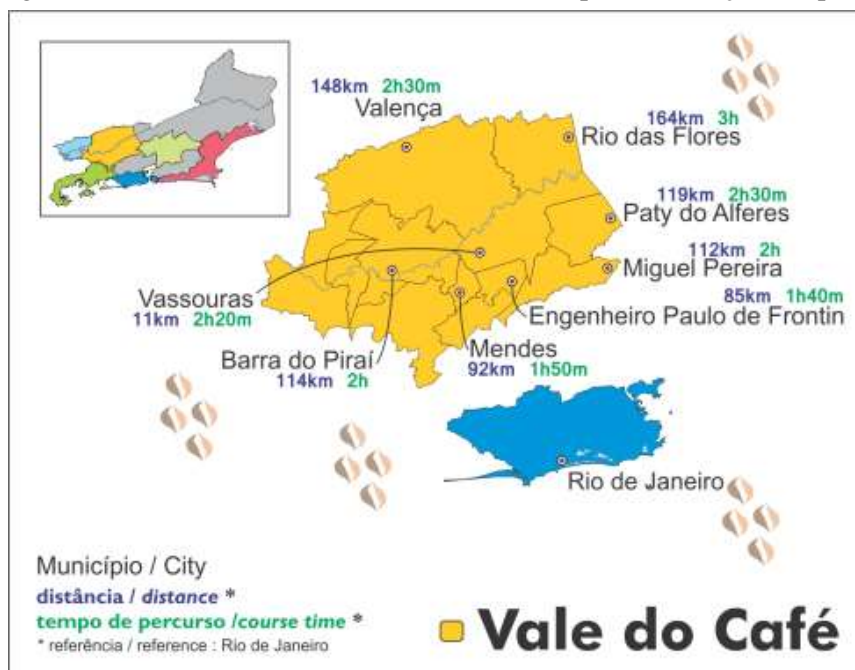
A partir do conceito de região e de região turística apresentados, é possível perceber que a região turística, tendo como critério a proximidade entre as potencialidades turísticas, estabelece divisões regionais diferenciadas em relação a outras divisões, como a político-administrativa.

A seguir, será apresentado o estudo de caso deste trabalho, a região turística do Vale do Café, localizada no Centro Sul estado do Rio de Janeiro, quer será utilizado para exemplificar as possíveis dinâmicas dentro de uma região turística no estado do Rio de Janeiro.

Breve caracterização do Vale do Café

Na política de regionalização implementada pela Setur e TurisRio (2014), os dois órgãos responsáveis pela política estadual de turismo, o Vale do Café compreende os municípios de Paty do Alferes, Volta Redonda, Piraí, Barra do Piraí, Miguel Pereira, Paracambi, Mendes, Paraíba do Sul, Barra Mansa, Engenheiro Paulo de Frontin, Pinheiral, Rio das Flores, Valença e Vassouras. Nas linhas abaixo, destacaremos os municípios que estão na vanguarda do turismo regional e que apresentam um arranjo turístico local minimamente organizado e com boa visibilidade. Abaixo, está o mapa do turismo fluminense:

Imagem 3 – Região Vale do Café e a distância dos seus municípios em relação a capital fluminense



Fonte: Setur (Rio+20).

Começando pelo município de Paty do Alferes, o entretenimento, o ecológico e o histórico formam o tripé do turismo local. O calendário de eventos do município é o que rege o fluxo de turistas, portanto, trata-se de um turismo aleatório e sem um planejamento sistemático. O município é um dos ícones do poderio econômico do café e da cana de açúcar na era

novecentista. Dois testemunhos materiais desse período são a Fazenda Pau Grande, tida como uma das mais belas do país; e a Fazenda Freguesia, transformada no Centro Cultural Aldeia de Arcozelo, administrado pela Funarte, autarquia ligada ao Ministério da Cultura (MinC). O Museu da Cachaça completa o cardápio de atrativos da cidade, onde o visitante pode conhecer a história da bebida, acompanhar o processo de produção e degustar o produto da casa. No feriado de Corpus Christi (junho), a Festa do Tomate torna-se o evento mais popular do Vale do Café, segundo dados empíricos da Setur (2014).

Volta Redonda é conhecida como a Cidade do Aço devido ao seu desenvolvimento nesse tipo de indústria. Conta com importantes edificações a serem visitadas, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e o Memorial Getúlio Vargas. Este último, conta com exposições permanentes, painéis ilustrativos e objetos pessoais do ex-presidente. O Zoológico Municipal é um dos atrativos da cidade e um contraponto à imagem do município ainda fortemente atrelada à CSN.

Em Piraí, a hospitalidade, a boa oferta de pousadas e hotéis rurais e a gastronomia são os chamarizes locais. Uma conquista recente do setor gastronômico e do turismo municipal como um todo foi a feira gastronômica e cultural de Piraí³, evento capitaneado pela Prefeitura e que pretende, à longo prazo, um dos cartões de visita da cidade que também tem nos “roteiros de charme”⁴ – com a ideia de conciliar o rural/bucólico/rústico e o urbano/moderno – uma estratégia que tende mais para ganhar visibilidade do que propriamente para consolidar um produto turístico. A quantidade de hotéis-fazenda, pousadas e equipamentos de lazer e recreação é surpreendente para um município que não está na linha de frente do turismo regional e tampouco tem atrativos que criem uma identidade turística local. Boa parte desses hotéis suprem a demanda dos municípios vizinhos que, esses sim, contam com fazendas históricas, eventos e outras atrações turísticas.

Na visão da Setur (2014) e do Poder público local, Barra do Piraí possui vários roteiros para os adeptos do turismo histórico, ecológico ou rural, com os seus hotéis-fazenda, revivendo o passado colonial em saraus, visitando igrejas antigas, o prédio da Estação Ferroviária e plantações de café, assim como Cachoeira de Ipiabas, tendo a Mata Atlântica como pano de fundo. Todavia, para o trade local, a ausência de políticas públicas que priorize o tripé turismo-cultura-patrimônio faz com que Barra do Piraí siga com um desempenho marginal em relação aos municípios vizinhos que possuem infraestrutura e uma imagem de cidade turística já

³ Conferir em: <<https://goo.gl/h8eKhp>>. Acesso em: 17 jun. 2017

⁴ Consultar: <<http://sfagro.uol.com.br/turismo-rural-conheca-novas-opcoes-de-roteiro-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

consolidadas (Vassouras, Valença). Barra do Piraí restringe-se hoje à sua principal atração turística e cartão postal da cidade: a Fazenda Ponte Alta⁵.

No município de Pinheiral, existe uma estação ferroviária histórica, construída em 1870, que conserva as características neoclássicas originais e que atualmente abriga a Biblioteca Municipal Ardelino Barbosa. O Colégio Agrícola Nilo Peçanha, localizado na antiga fazenda Pinheiro, que já foi considerada a maior produtora de café do Brasil, atualmente oferece visitas a criação de porcos, coelhos, cabritos e a horta. No diagnóstico da Setur (2014), a atratividade de Pinheiral está atrelada às propriedades de obra do Visconde do Rio Preto, ou seja, à sua dimensão histórico-cultural. A Fazenda do Paraíso, cuja sede tem formato de “U”, guarda preciosidades, entre elas as máquinas de café da época e uma alameda de palmeiras na entrada da propriedade (SETUR, 2014).

Em relação a formação espacial do Vale do Paraíba e sua atual moldura turística, o Vale do Café, este foi, desde o Vice-Reinado até o fim da regência Imperial (1889), o berço da economia fluminense: o café, que auxiliou na superação da crise regencial, a reorientação centralista e conservadora e a consequente estabilidade do Império a partir de 1850 (INSTITUTO PRESERVALE, 2010, p. 13), encontram-se intimamente ligadas e, durante o século XIX, foi o fator de ordenamento da faixa oeste fluminense. Mesmo com a independência do país em relação à metrópole, a estrutura socioeconômica e espacial não apresentou mudanças substantivas, mantendo-se tão colonial e escravista quanto fora durante o período anterior. A economia continuava baseada na monocultura escravocrata e prosperou quando produziu uma mercadoria de grande aceitação no mercado europeu e, também, quando não era ameaçada pela concorrência, sendo facilitado pelo fato que a atividade cafeeira não requeria grandes e vultosos investimentos, dependendo apenas da terra e da mão-de-obra.

De acordo com Instituto Preservale (2010, p. 13), após o café se torna o principal produto de exportação do país, a partir da metade do século XIX, esse grão ocupa, inicialmente, as regiões vizinhas da então capital brasileira, Rio de Janeiro, onde já existia relativa infraestrutura para implantação de novos empreendimentos agrícolas. A atividade perdura até o início do século XX (LIMA, 2007), quando o café entra em declínio devido as oscilações do mercado internacional, desgaste do solo, precarização da infraestrutura e das técnicas de plantio e colheita, entre outros. Além da dificuldade de renovação do solo para novas colheitas, outros fatores anteriores a esse colaboraram para uma queda mais acelerada: a proibição do tráfego

⁵ A Fazenda Ponte Alta tem uma dinâmica peculiar e que merece maior atenção dos pesquisadores de turismo e cultura. Ver: <<http://www.pontealta.com.br/>>. Acesso em: 5 mai. 2017.

negreiro em 1850, as pragas nos cafezais, o excessivo gasto com títulos de nobreza e ostentações (LIMA 2007, p. 23).

Ainda na perspectiva histórica delineada por Roberto Lima (2007, p. 25), a ausência de capital e de alternativas para a manutenção da atividade agrícola, leva os fazendeiros à buscarem financiamentos com grandes capitalistas da época para se manter. Com capitalistas e bancos cobrando juros altos e colocando as propriedades sob a condição de serem hipotecadas como garantia dos empréstimos, a situação dos fazendeiros do Vale do Paraíba fluminense ficou insustentável. Esse momento tornou-se o momento final da decadência do ciclo fluminense do café, deixando um rico legado histórico, cultural e arquitetônico simbolizado pelos casarões, moinhos, senzalas, dentre outras edificações, marcos e artefatos das fazendas que se mantiveram e compõem a atual paisagem cultural do Vale do Paraíba fluminense.

Gestão de um produto turístico regional

Por meio da denominação “Vale do Café”, esta região do Vale do Paraíba fluminense conseguiu se destacar nas últimas décadas nos cenários turísticos regional e nacional devido a quatro fatores: 1- seu alto potencial para atividades turísticas de cunho histórico-cultural e de lazer e entretenimento; 2- facilidade de ser regionalizada e promovida pelas mídias e outros canais de divulgação; 3- em uma perspectiva geográfica, a sua posição estratégica em relação a outras regiões e rotas turísticas é algo que merece ser destacado no planejamento público e nas iniciativas de dinamização e ordenamento da atividade turística⁶; 4- tem um valioso acervo patrimonial, especialmente as propriedades referentes ao período Imperial e, agora numa perspectiva crítica e de reparação histórica, engloba-se também as manifestações tradicionais, territórios quilombolas e áreas verdes remanescentes.

O Vale do Café está incluído em praticamente todos os planos e ações de fortalecimento do turismo, inclusive no Mapa do Turismo Brasileiro⁷. Como um instrumento essencial para a definição de identidades regionais, coletivas e institucionais, e receptáculo para investimentos públicos e privados, o Mapa do Turismo Brasileiro tem sido autenticado e aplicado com seriedade em alguns Estados, obtendo credibilidade mesmo entre os atores que não tem relação direta com o setor. É o caso dos órgãos estaduais e municipais de cultura, patrimônio, meio ambiente, desenvolvimento econômico e segurança que se veem na incumbência de dialogar

⁶ Podemos citar a Estrada Real, maior rota turística do país; a cidade do Rio de Janeiro, um dos maiores municípios turísticos e polo emissor e receptor do país; e a rota da Serra do Piloto, que finaliza em localidades importantes como o Parque Arqueológico e Ambiental São João Marcos.

⁷ Acesse: <<http://mapa.turismo.gov.br/mapa/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

com o trade turístico para alinhar as ações e direcionar as políticas públicas numa perspectiva intersetorial. No site do Ministério do Turismo (MTur)⁸, há um pequeno, porém, importante trecho no qual o Tribunal de Contas e o Senado Federal reconhecem tal iniciativa cartográfica:

O Tribunal de Contas da União e o Senado Federal reconhecem o Mapa do Turismo Brasileiro como um instrumento de gestão para orientar a gestão no desenvolvimento de políticas públicas regionalizadas e descentralizadas. A atualização constante do documento se torna, portanto, fundamental para que esse instrumento seja eficaz e respeite os princípios de eficiência da Administração Pública.

Nos anos 1950 até a década de 80, começou a ser esboçado para a região o resgate e restauração das fazendas em estágio avançado de ruínas, e revitalizar a imagem e economia estagnadas da região. Naquele período, o turismo não era conjecturado como nos dias atuais, ou seja, só tardiamente o turismo veio a ser reconhecido pelo Poder público e a sociedade como um instrumento estratégico e eficaz de dinamização econômica e requalificação de lugares e bens patrimoniais. Entretanto, para esse momento específico, o interesse pela revitalização espacial tem no seu âmago a preservação das antigas fazendas de café, que começavam a ser adquiridas por novos donos e salvas da destruição, passando por restaurações e reformas.

De acordo com o Instituto Preservale (2010, p.14), diversas motivações levaram a essas aquisições, como busca ao passado familiar, o interesse por um bem para segunda residência, investimento em setores agropecuários. Alguns poucos proprietários, devido suas relações de amizade e vizinhança com outros novos fazendeiros, perceberam a importância do conjunto patrimonial da região, e deram início a um trabalho de acolhimento de visitantes que buscavam a região para conhecer a história do Ciclo do Café e o legado patrimonial do império rural (INSTITUTO PRESERVALE, 2010, p. 14).

Os anos subsequentes (1990-2010) foram marcados pela conscientização sobre a questão ambiental e os proprietários decidiram constituir-se em associação, criando o Instituto de Preservação e Desenvolvimento do Vale do Paraíba (PRESERVALE), para melhor trabalhar os princípios, regras e ações estruturantes para o desenvolvimento turístico sustentável. Ao falar de sustentabilidade, o Instituto frisa o legado patrimonial que se tornou o carro-chefe da região: as fazendas históricas. Contudo, a diretoria atual não deixa de notar a importância do patrimônio natural não só para fortalecer a imagem dos territórios turísticos, mas para revitalizar o entorno dos atrativos histórico-culturais, conferindo a eles a ambiência adequada para a satisfação do

⁸ Link: <<https://goo.gl/owZHPY>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

olhar e do desejo do turista. Em texto recente, o gestor de turismo Bayard Boiteux reafirma o compromisso do Instituto Preservale com a sustentabilidade e a consciência de que o ambiente local deve ser pensado de forma sistêmica e integrada⁹:

O Preservale, que congrega as fazendas do Vale do café, cresceu nos últimos 20 anos, no sentido de buscar soluções e tentar implementá-las para fazer da região um produto turístico estruturado. Conta, sobretudo, com o esforço de seus associados, que, além de restaurar e preservar suas fazendas, cuidam das estradas e do atendimento do entorno por falta de políticas específicas governamentais para a região. [...] É sempre bom lembrar que não somos apenas turismo, mas que preservação e sustentabilidade são pilares de nosso entendimento de desenvolvimento. Hoje estamos estudando o reflorestamento e plantio de café como colaboração essencial para a sustentabilidade (BOITEUX, 2015).

Na última década, esforços e ações foram feitos no sentido de divulgar a região como produto turístico. Diversos veículos de comunicação começam a divulgar de forma mais abrangente o Vale do Paraíba e seus novos “barões do café” (INSTITUTO PRESERVALE, 2010, p. 15), que abriam suas portas para a visita guiada e o turismo cultural, resgatando a identidade histórica do Brasil cafeeiro, por meio da sua memória e de seus atrativos histórico-culturais.

Segundo Instituto Preservale (2010), mesmo na crise nas viagens em 2001, devido aos atentados terroristas nos Estados Unidos, o estímulo ao turismo interno favoreceu a arrancada dos destinos culturais brasileiros e o Vale do Paraíba se tornou o Vale do Ciclo do Café para, atualmente, ter o turismo como sua força motriz e ser ressignificado simplesmente como Vale do Café, um slogan perfeito para uma região cujas fazendas históricas são o carro-chefe de uma indústria criativa que ainda se encontra num estágio de estruturação e integração das iniciativas municipais.

Após esse breve histórico da região, percebemos que os elementos históricos identificados na localidade são resultado das atividades econômicas desenvolvidas ao longo dos últimos séculos, constituindo um rico acervo de elementos que vêm sendo explorado pelo segmento turístico de turismo cultural. As atividades turísticas praticadas na região, segundo o relatório elaborado pela Fecomércio-RJ, denominado “Caderno de Turismo para o desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro: passaporte para o desenvolvimento do Estado” (2010, p. 73):

⁹ Conferir em: <<https://goo.gl/qO AQ1Q>>. Acesso: 17 jun. 2017.

[...] estão relacionadas à visitação de fazendas e casarios históricos, ao consumo de produtos de época e produtos rurais. As visitas às pocilgas e às hortas, os passeios de pônei, as pescaria, as caminhadas e as excursões a algumas das sedes das fazendas mais opulentas dos municípios estão entre as atrações oferecidas pelos hotéis (FECOMÉRCIO-RJ, 2010, p. 73).

A herança do período cafeeiro, representada por seu patrimônio material, suas fazendas, igrejas, praças e casario antigo, e imaterial, sua gastronomia, história, costumes, entre outros são elementos utilizados pelos municípios para recuperar suas economias fragilizadas (com a decadência do café e diminuição de atividades posteriores a esse período) a partir do turismo. Mas além do turismo histórico cultural e rural, que são os principais produtos turísticos, há ainda atividades relacionadas ao turismo ecológico e de aventura e estâncias hidrominerais (FECOMÉRCIO-RJ, 2010, p. 73).

Como foi possível perceber até aqui, a região do Vale do Café trabalha como segmento de turismo cultural associado a outros segmentos turísticos, como o turismo rural e as modalidades de ecoturismo. A cultura e seu correspondente econômica, a indústria criativa, tornaram-se tão importantes e debatidas pelos agentes de turismo locais que, em 2013, foi publicado o Guia Cultural do Vale do Café¹⁰, pelo Instituto Cidade Viva (ICV)¹¹. O Guia é fruto da parceria do ICV com o Inepac (SEC/RJ) e o Instituto Light, este último, o agente econômico responsável, dentre outras coisas, pelo patrocínio que viabilizou a pesquisa, revitalização e o funcionamento pleno das atividades culturais e ecológicas do Parque Arqueológico e Ambiental São João Marcos¹² desde a sua inauguração em 2011. O ICV atuou tanto na etapa de “redescobrimto” da cidade de São João Marcos em meio às ruínas e área desmatada, como desde a inauguração, é a entidade gestora do Parque.

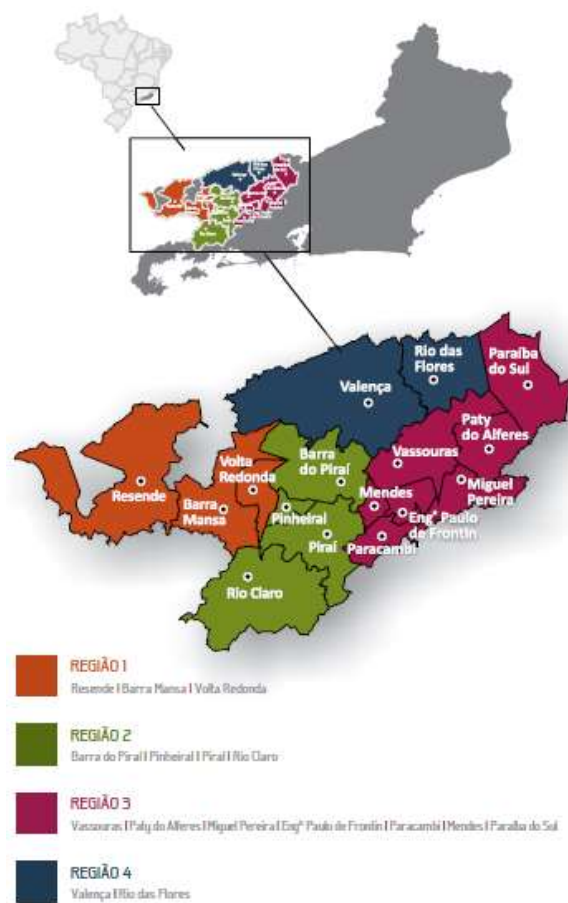
Por essas e outras iniciativas, o ICV e o Preservale são as organizações sociais mais influentes na região. A capacidade de articulação política do ICV com os órgãos de cultura e patrimônio é similar às articulações construídas pelo Preservale no âmbito do turismo (MTur, Setur/TurisRio, secretarias municipais de turismo). De forma mais clara, podemos dizer que essas duas organizações conseguiram abrir duas frentes de “neg-ócios” para viabilizar seus agenciamentos no Vale do Café (projetos, eventos culturais, seminários).

Imagem 4 – Regionalização proposta pelo guia da região (2013)

¹⁰ Link para download do guia: <http://guiaculturalvaledocafe.com.br/guia_do_cafe.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹¹ Ver: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹² Conferir em: <<https://goo.gl/yGDb6o>>. Acesso em: 10 jun. 2017.



Fonte: Guia Cultural do Vale do Café (ICV).

O Ministério do Turismo classifica o segmento de eventos junto ao segmento de negócios, usando a nomenclatura de “Turismo de negócios de eventos”, que é definido como “o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 18). O MTUR 2010, p.17) ainda destaca algumas características que justificam a importância do segmento, como alta rentabilidade, possibilidade de interiorização da atividade turística, pouca sazonalidade, contribuição para o desenvolvimento local, dentre outros.

A região do Vale do Café é uma região que promove diversos eventos, principalmente eventos ligados a seu passado colonial, voltado para o turismo cultural e o turismo rural, além de outros eventos de cunho religioso. No Guia Cultural do Vale do Café (2013), foi divulgado o calendário anual de eventos fixos que acontecem em toda a região, mediante a especialização definida pela equipe executora do Guia em consonância com os interesses dos parceiros

institucionais e do trade da região (Imagem 4). O quadro abaixo apresenta o quantitativo e espacialização dos eventos no Vale do Café:

Quadro 1 – Levantamento dos eventos fixos pelo Guia (2013)

Vale do Café \ Meses	Região 1	Região 2	Região 3	Região 4
Janeiro	1	1	4	2
Fevereiro	1	2	1	1
Março	1	2	2	1
Abril	1	1	3	1
Mai	5	4	3	4
Junho	6	7	9	3
Julho	3	3	11	3
Agosto	1	7	7	2
Setembro	3	5	5	6
Outubro	1	3	3	3
Novembro	2	6	4	5
Dezembro	3	4	3	2
Total	28	45	55	32

Fonte: Guia Cultural do Vale do Café (ICV).

A partir dos dados apresentados no quadro, é possível perceber que a região com maior número de eventos fixos anuais é a região 3, com 55 eventos por ano, com maior destaque para os meses de junho, julho e agosto. Em seguida, vem a região 2, com 45 eventos fixos anuais, tendo os meses de junho, agosto e novembro com maior número de eventos. A região 4 está em terceiro lugar, com 32 eventos, com uma distribuição mais homogênea, destacando-se os meses de setembro e maio. Por último, está a região 1, com 28 eventos, concentrando a maior parte dos eventos em junho e maio.

Logo, podemos perceber que a região 3, que abarca o maior número de municípios, é a região com maior número de eventos, que apresentam relativa homogeneidade no quantitativo de seus calendários de eventos. Entretanto, a região 2, que possui apenas três municípios, consegue ter um número de eventos aproximado da região 3, mostrando uma grande presença no mercado de eventos da região do Vale do Café como Vassouras, Miguel Pereira e Mendes. Já mais distanciada está a região 4, que apesar de ter um dos municípios mais importantes para a atividade turística do Vale do Café (Valença), possui um menor número de eventos, por estar junto a um município com pouca expressividade em eventos (Rio das Flores). Por último, está a região 1, com três municípios em sua composição, que possuem pequena representatividade no turismo voltado para o Vale do Café.

Não há um diagnóstico atual dos eventos do Vale do Café, com crise política e econômica que assolou o Estado do Rio de Janeiro, a Setur e a TurisRio possuem poucas cartas na manga para, em meio à queda orçamentária e a fragilização dos canais de articulação com os municípios (instâncias de governança regional, fóruns de turismo). Resta a esses dois órgãos de fomento viabilizar fóruns e ações para estimular a cadeia local a se recompor frente às novas dinâmicas do país e aos segmentos potenciais de turistas, mormente os de classe média e que apresentam um mínimo senso de preservação do patrimônio. Por essa trilha, a Setur/TurisRio vem construindo pontes para integrar o trade. Um desses resultados foi a recente reativação do Conciclo, a instância de governança regional oficial do Vale do Café. Para o turismólogo e gerente do Conciclo José Junior, a reativação desse espaço de debate e de proposição de políticas públicas permitirá um avanço em pontos fundamentais para que o turismo do Vale do Café desponte de vez no cenário turístico, acabando com o “mais-do-mesmo” que atrelou a região tão-somente à visitação de fazendas históricas. O autor aponta a integração dos municípios e a criação de uma agenda comum como a saída para o desenvolvimento turístico de forma conjunta e coordenada (JUNIOR, 2017)¹³.

Com a defasagem de algumas ações e a queda do fluxo de turistas mesmo em algumas fazendas de renome¹⁴, resta ao Poder público e o trade apostarem em eventos de porte regional (e não apenas local) para revigorar a cadeia produtiva, atrair novos públicos e plateias e criar novos roteiros, ambientes e empreendimentos culturais para ampliar a oferta turística. Além dos eventos já citados neste texto, a grande aposta do trade tem sido o Festival Vale do Café¹⁵, evento cuja adesão de várias fazendas históricas e *stakeholders* sinaliza o caminho possível para os municípios integrarem, tornando factível os objetivos previstos há mais de uma década pelas instâncias federal e estadual¹⁶. O Festival congrega artistas, pesquisadores, animadores culturais e outros elementos que formam uma grade de programação interessante para os turistas ficarem mais de um dia em uma cidade ou em deslocamento pela região, beneficiando as cadeias hoteleira e gastronômica.

¹³ Link: <<http://www.rj.gov.br/web/setur/exibeconteudo?article-id=3077156>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁴ Em 2015, os gestores das atividades culturais e educativas na Fazenda Ponte Alta (Barra Piraf) relataram que as fazendas locais estão sofrendo com a crise econômica do Estado, pois além da queda do número de visitantes (turistas, excursionistas e grupos escolares e universitários), o aumento das despesas tem levado os proprietários ao endividamento, tendo que lançar mão de outras estratégias (aluguel de espaços da propriedade, parceria com outras iniciativas, pressão junto aos órgãos públicos) para manter os espaços preservados e em funcionamento para não fazer morrer o turismo do Vale do Café.

¹⁵ Link: <<http://www.festivalvaledocafe.com.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

¹⁶ No âmbito estadual, os objetivos já foram destacados ao longo do texto. Já na esfera federal, refiro-me ao Plano nacional de turismo e o Programa de Regionalização do Turismo implementados na era Lula (2003-2011). Referência: <<https://goo.gl/kQtMsC>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

Considerações finais

A partir do que foi apresentado neste trabalho, é possível perceber que a região, conceito-base da Geografia, pode ser trabalhado no turismo a partir das políticas e planos de regionalização, das ações político-econômicas estruturantes e dos processos identitários ancorados numa cultura regional(ista), que busca articular áreas com similaridades, visando a gestão e o planejamento. No caso estudado, a região turística do Vale do Café, foi elaborado um processo de regionalização dentro da própria região turística. Por meio desse processo, novas dinâmicas puderam ser especializadas, como neste caso, o número de eventos voltados para a temática do turismo cultural e rural característico da região. Logo, percebe-se que determinadas regiões possuem maior representatividade no quantitativo dos eventos voltados para o turismo, mostrando assim que este desenvolvimento pode se dar de forma desigual, de acordo com cada dinâmica desenvolvida nas regiões, que envolvem poder público, iniciativa privada e população local.

O Vale do Café é um simulacro, um dispositivo simbólico que desperta nas pessoas a curiosidade em relação aos bens patrimoniais e à história de uma área geográfica que, simultaneamente, participou da fase áurea da economia agroexportadora fluminense e da terrível cultura escravocrata que, de forma lamentável, tem levado algumas atividades educativas e culturais à serem criticadas veementemente¹⁷ devido ao tom acrítico, estereotipado e de naturalização da violência que apresentam. Grande parte das encenações e atividades de educação patrimonial “conservadoras” ocorrem justamente nas fazendas históricas, recriando uma atmosfera incompatível com os valores do mundo moderno-capitalista contemporâneo.

Para muitos agentes interessados no Vale do Café, o processo turístico tem caminhado a passos lentos, sobretudo por conta da morosidade do Estado em lidar com os aspectos essenciais da formação de um produto turístico: promoção, divulgação, operacionalização e ordenamento da atividade. Há uma demanda dos segmentos empresariais e profissionais para que a região funcione efetivamente pelo/para o turismo. É realização do desejo de todo profissional do turismo: que uma área tenha um sistema turístico (BENI, 1998) plenamente operacionalizado.

¹⁷ Para ficar em apenas uma polêmica recente na região, o Ministério público Federal entrevistou em uma encenação teatral na Fazenda Santa Eufrásia (Vassouras) que, para os movimentos negros e de Direitos Humanos, perpetua os estereótipos do “negro escravo” e naturaliza a exploração e violência que ocorreram na região em destaque. Link: <<https://goo.gl/YSxCr9>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

Referências Bibliográficas

- BENI, M. C. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo: Senac, 1998.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 8 - Promoção e Apoio à Comercialização. Brasília, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/4XuBFE>>. Acesso em: 3 jul. 2016.
- CEPERJ. Mapa de regiões de governo e municípios. 2014. Disponível em: <http://www.fesp.rj.gov.br/noticias/Mar_14/27/novo_mapa.html>. Acessado em 22 jul. 2016.
- CORRÊA, R. L. Região e organização espacial. São Paulo: Ática, 1995.
- FECOMÉRCIO-RJ. Caderno de Turismo para o desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro: passaporte para o desenvolvimento do Estado. 2010. Disponível em: <http://www.igeog.uerj.br/caderno_de_turismo.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2016.
- INSTITUTO PRESERVALE. Ações Estratégicas de Revitalização do Vale do Café. 2010. Disponível em: <<http://www.preservale.com.br/files/relatorio01.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2016.
- LIMA, R. G. S. O ciclo do café Vale-paraibano. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/Y2UShG>>. Acessado em 01 jul. 2016.
- MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. Destino referência em Ecoturismo – Santarém/PA. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/m7wfG5>>. Acesso em: 2 jul. 2016.
- MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. Destino referência em Turismo Cultural – Paraty/RJ. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/ZG9hJr>>. Acesso em: 2 jul. 2016.
- INSTITUTO CIDADE VIVA. Guia Cultural do Vale do Café. Disponível em: <http://guiaculturalvaledocafe.com.br/guia_do_cafe.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2016.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAÍBA DO SUL. Atrativos turísticos. Disponível em: <http://www.paraibadosul.rj.gov.br/informacoes/pontos_turisticos>. Acesso em: 2 jul. 2016.
- SETUR-RJ. Rio+20 (Região Vale do Café). 2012. Disponível em: <<https://riomais20setur.wordpress.com/2012/05/24/regiao-vale-do-cafe/>>. Acesso em: 2 jul. 2016.
- _____. Cidades Maravilhosas. 2014. Disponível em: <<http://www.cidadesmaravilhosas.rj.gov.br/default.asp>>. Acesso em: 5 jul. 2016.
- TURISRIO-RJ. Projetos. Disponível em: <<http://www.turisrio.rj.gov.br/projetos.asp>>. Acesso em: 5 jul. 2016.
- MTUR. Turismo de Negócios & Eventos: Orientações Básicas. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/MFLe5v>>. Acesso em: 10 jul. 2016.